

Florbela Espanca e o território sensível do “eu”

Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui,
negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas,
o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões,
ideias, maneiras de ver, de sentir – todo o meu espírito paradoxal,
talvez frívolo, talvez profundo.

No diário que escreve no último ano de sua vida, Florbela Espanca deixa escapar, quase sem defesa, essa confissão oblíqua e luminosa. Não se trata de um prólogo nem de um programa estético, mas de um gesto de exposição íntima, lançado ao acaso aparente de quem escreve sem destinatário. É ali que Florbela se dá por inteiro e, ao mesmo tempo, se esquia: escreve para ninguém, escreve para si, escreve nesse intervalo instável em que a palavra não promete sentido fixo nem abrigo seguro.

Florbela escreve como quem despe a palavra de destino. Nada aponta, nada busca, nada espera. Lança ao ar o que os ouvidos alheios raramente recolhem: fragmentos de sensações, ideias sem moldura, impressões ainda em formação. O gesto é leve e radical, negligente apenas na aparência. Ao declarar-se livre de estilo e filosofia, acaba por criá-los. Ao dizer-se frívola ou profunda, instala desde logo a vertigem. A escrita nasce dessa oscilação, desse ponto instável onde o “eu” se observa enquanto se desfaz.

Há em suas palavras uma cena íntima — não um palco voltado para fora, mas um espaço interior onde a poeta se oferece como experiência. Falar para ninguém é falar para si. E é nesse recolhimento que o leitor é silenciosamente convocado. A confiança cria vínculo. A humildade aparente atrai. A contradição sustenta a voz. Florbela evita definir-se; ensaia-se. Cada frase aproxima e afasta, revela e suspende, como se o “eu” só pudesse existir em movimento.

Essa escrita emerge num tempo em que o chão metafísico já não sustenta os passos. Durante séculos, a promessa do além organizou as esperanças humanas; o colapso dessa promessa deixou o homem diante de si mesmo, desnudo de garantias, entregue à urgência do agora. O pensamento filosófico reconhece esse abalo. Nietzsche o nomeia: o centro se dissolve, a verdade se

multiplica, o sujeito deixa de ser soberano. Algo pensa. Algo deseja. Algo sente. O “eu” deixa de governar — apenas circula.

Desse deslocamento nasce uma nova experiência de subjetividade. O sujeito deixa de ser unidade e torna-se campo: forças, impulsos, afetos. A vida dispensa compensações futuras — vive-se no instante, vive-se tudo. É esse o território onde Florbela caminha, herdeira direta da modernidade inquieta, atravessada pela consciência de que nada existe para além do mundo.

A poesia converte-se em lugar de risco, onde o corpo entra em cena. Sensações substituem essências; o sentir antecede o pensar. Fernando Pessoa, seu contemporâneo, escuta o mesmo apelo: o sensacionismo nasce da urgência de apreender o real pelo corpo e por suas múltiplas respostas. Sentir tudo, de todas as maneiras — não por excesso gratuito, mas por fidelidade ao devir.

Florbela não teoriza: incorpora. Sua poesia vive da sensação como matéria primeira. Corpo que deseja, arde, sofre, interroga-se. Nenhuma mediação moral — apenas entrega. Cada poema constrói um rosto possível, logo abandonado: louca, mendiga, princesa, crucificada, sóror, esfinge. O “eu” nunca se fixa. Habita muitas figuras sem repousar em nenhuma.

No soneto “*Loucura*”, tudo desaba: casas, palácios, referências. O mundo interno acompanha o colapso exterior. O sujeito já não sabe onde estava, nem quem foi. Tantas almas riem dentro de uma só: solidão povoada, identidade em estilhaços. A voz feminina carrega em si uma multidão.

Em “*Ser poeta*”, essa dispersão transforma-se em potência. O poeta pode ser rei e mendigo, fome e infinito, ave e astro. O verbo no infinitivo sustenta o ímpeto. A anáfora insiste. O corpo do poema ordena o excesso. No último movimento, o discurso retorna ao amor — alma, sangue, vida. O sujeito dissolve-se no outro e retorna ao canto coletivo. Nomeia e comunica. Expande-se.

Em “*Toledo*”, o corpo assume plenitude sensorial: o toque produz tremor, o aroma embriaga, a cidade curva-se como o corpo desejado. Torres erguem-se em grito. O poema conduz ao clímax sem disfarce. O erotismo surge não como provocação, e sim como linguagem estética. O prazer converte-se em forma. O corpo feminino deixa de ser objeto narrado e torna-se centro perceptivo.

Os sonetos intitulados “*Eu*” expõem a fratura com nitidez. No primeiro, a voz feminina atravessa o mundo invisível, incompreendida, marcada pela dor e pela expectativa. No segundo, o “Eu” descobre outra verdade: procura-se,

rodeia-se, perde-se, reconhece-se apenas no reflexo do amado. A identidade acontece no outro. Vive-se no incêndio da paixão enquanto as cinzas se acumulam.

O sujeito florbeliano desconhece repouso: vive de intensidade e exaustão. Multiplica-se, desaparece, retorna sob outra forma. O erotismo funciona como anestesia e revelação; o corpo torna-se linguagem última quando o pensamento já não oferece certezas.

É nesse movimento que Florbela afirma sua singularidade na literatura portuguesa. Escreve um corpo feminino que deseja sem pedir licença. Um “eu” fragmentado que dispensa recomposição. Uma alma que se oferece inteira ao risco da palavra. Sua poesia evita respostas: abre fendas, convida à travessia. Rever Florbela é aceitar a instabilidade como condição. É compreender que sua escrita não pretende ordenar o mundo: deseja senti-lo até o limite. Cada soneto inaugura um território novo — espaço onde o “eu” se estilhaça e, no estilhaço, descobre-se vivo.

Iracema Goor

Profa .Dra. em Literatura e Crítica Literária (PUCSP)

Pós-doutoranda pelo IEB/USP)

Bolsista FAPESP

Processo nº 2024/20906-9